



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

BENGTSOON, Lusiana; VOLPI, Sandra Mara. O terror como defesa em um corpo congelado de medo: perspectiva da bioenergética. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS, XX, 2015. **Anais**. Curitiba: Centro Reichiano, 2015. [ISBN – 978-85-69218-00-5]. Disponível em: <www.centroreichiano.com.br/artigos_anais_congressos.htm>. Acesso em: ____/____/____.

O TERROR COMO DEFESA EM UM CORPO CONGELADO DE MEDO: PERSPECTIVA DA BIOENERGÉTICA

Lusiana Bengtsson

RESUMO

Esse artigo traz o relato de caso do atendimento de paciente psicótica no estágio clínico do último ano da faculdade de Psicologia na abordagem Bioenergética. A prática dessa linha da Psicologia Corporal mostrou eficácia a partir do estabelecimento de um vínculo amoroso da terapeuta em relação à paciente, em que a psicóloga, por meio do olhar, do toque e do empréstimo do próprio corpo pode acolher e contornar a falta de proteção das esferas psíquica e física da paciente.

Palavras-chave: Bioenergética. Esquizoide. *Grounding*. Lowen. Psicose.



A primeira vez que olhei para a jovem de 17 anos, a quem chamarei de Z para preservar sua identidade, pensei que era mais nova, pois seu corpo parecia o de uma menina pouco desenvolvida: bem magrinha, de baixa estatura, com pouca massa muscular, rosto de criança e seus olhos pareciam estar assustados. Escutei o seu histórico: o tratamento pelo qual passou no Centro de Atenção Psicossocial (CAPS) infantil, onde foi medicada com antipsicótico, a confissão das constantes alucinações auditivas e visuais desde a infância, que lhe causavam medo, assim como ideações e tentativas suicidas e conflito com a família.

Diante de tal histórico soube que estava diante de paciente psicótica. O pai da Bioenergética, Lowen, entende a esquizofrenia como o rompimento da defesa do caráter esquizoide. Tal autor descreve “[...] como esquizoide uma estrutura de caráter que apresenta tendências esquizofrênicas, mas que não ocorreu uma ruptura séria com a realidade.” (LOWEN, 1977, p. 304). Fenichel (1945, p. 443, *apud* LOWEN, 1977, p. 321) faz uma ressalva de que são “[...] as circunstâncias que decidirão se a disposição psicótica será provocada com mais intensidade ou será suavizada”. Lowen (1977) complementa que é justamente essa “disposição psicótica” o que diferencia o caráter esquizoide do esquizofrênico. Enquanto o primeiro mantém uma unidade entre mente-corpo precária, o segundo aparta-se da realidade sofrendo alucinações e

CENTRO REICHIANO

Av. Prof. Omar Sabbag, 628 – Jd. Botânico – Curitiba/PR – Brasil - CEP: 80210-000
(41) 3263-4895 - www.centroreichiano.com.br - centroreichiano@centroreichiano.com.br



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

BENGTSSON, Lusiana; VOLPI, Sandra Mara. O terror como defesa em um corpo congelado de medo: perspectiva da bioenergética. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS, XX, 2015. **Anais**. Curitiba: Centro Reichiano, 2015. [ISBN – 978-85-69218-00-5]. Disponível em: <www.centroreichiano.com.br/artigos_anais_congressos.htm>. Acesso em: ____/____/____.

despersonalização. Lowen (1977) também comenta que o caráter esquizoide tem medo de perder o controle, pois isso traria à tona os impulsos reprimidos. Na tentativa de manter a unidade do ego e não romper sua defesa temendo enlouquecer, o esquizoide enrijece o corpo, restringe a respiração e assim amortece as sensações que lhe causam dor e medo.

Numa camada abaixo do medo da insanidade há um terror que é muito mais apavorante, uma vez que não possui nome nem rosto. Seu horror se expressa em imagens [...] Este terror acha-se à espreita nas profundezas de cada indivíduo esquizoide e pode ser comprado a uma bomba que não explodiu. A explosão do terror na consciência constitui uma experiência capaz de 'abalar o mundo' do indivíduo. É representada na mente esquizoide como uma destruição do mundo, ou fantasia de *Weltuntergang*, um sentimento de aniquilação total. O indivíduo esquizoide reage a esta ameaça com a sensação de "estar se despedaçando" ou "se desconjuntando". Contra este terror e seus efeitos catastróficos, ele ergue defesas desesperadas. Se estas defesas falham, o único meio que resta para evitar o terror é a fuga completa para a irrealidade da esquizofrenia. (LOWEN, 1979, p. 48).

O terror que o esquizofrênico sente é explicado pelo fato de ter tido sua vida ameaçada muito cedo. Lowen (1979) comenta que tal pavor origina-se em três tipos de medo: medo de ser abandonado, medo de ser destruído ou medo de destruir outra pessoa, porém esses medos podem evoluir para terror. O mesmo autor explica (1966, p.7) que o medo surge quando existe uma ameaça de dor. Se essa dor for sentida como avassaladora, o indivíduo pode escapar no pânico ou fixar-se no terror. No pânico, a pessoa quer fugir, escapar do perigo eminente, assim o indivíduo retém o ar, o peito fica rígido e assim que a ameaça desaparece, a pessoa volta a respirar. Já no terror, que corresponde ao estado de choque, a musculatura paralisa-se o que torna a fuga ou luta impossível para a pessoa. O terror pode levar o indivíduo ao desmaio e em tempo prolongado a uma dissociação da percepção do corpo.

Tanto o medo, como a raiva originam-se em sensações dolorosas muito cedo na vida, podendo desenvolverem-se quando feto no próprio útero materno. Tanto que Lowen (1979) comenta que o bebê, ao se desenvolver em um útero pouco acolhedor, acaba nascendo com baixa carga energética e sente muito frio nas extremidades do corpo. Além

CENTRO REICHIANO

Av. Prof. Omar Sabbag, 628 – Jd. Botânico – Curitiba/PR – Brasil - CEP: 80210-000
(41) 3263-4895 - www.centroreichiano.com.br - centroreichiano@centroreichiano.com.br



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

BENGTSSON, Lusiana; VOLPI, Sandra Mara. O terror como defesa em um corpo congelado de medo: perspectiva da bioenergética. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS, XX, 2015. **Anais**. Curitiba: Centro Reichiano, 2015. [ISBN – 978-85-69218-00-5]. Disponível em: <www.centroreichiano.com.br/artigos_anais_congressos.htm>. Acesso em: ____/____/____.

disso, entende tal falta de acolhimento como rejeição do ambiente, ou seja, rejeição materna.

Z comenta que sente muito frio nos pés e mãos, sendo que estes estão sempre gelados. Demora para suar, mesmo fazendo dança. A paciente afeta-se também com as pessoas e os ambientes hostis.

A extrema sensibilidade do esquizoide para captar o ambiente, segundo Lowen (1979), explica-se pelo fato dele não ter tido uma proteção corporal eficiente de sua mãe, o que gera psicologicamente a sensação de que não há proteção com o que vem de fora, e assim o indivíduo fica aterrorizado, defendendo-se contraindo o corpo. Por isso é tão difícil para esse tipo de pessoa estabelecer contato físico e afetivo com os outros.

A reduzida carga na extremidade do corpo provoca um aumento de permeabilidade das membranas superficiais aos estímulos externos, o que contribui para a hipersensibilidade apresentada pela maioria dos indivíduos esquizoides. [...] A imobilização da musculatura corporal na condição esquizoide possui um duplo significado. De um lado, constitui uma defesa contra o terror e um meio de manter alguma unidade na personalidade. De outro lado, é uma expressão direta do terror, uma vez que representa a atitude física de uma pessoa que se encontra congelada de medo [...] O colapso da rigidez esquizoide faria o indivíduo mergulhar numa crise esquizofrênica. (LOWEN, 1979, p. 56-60).

Z contou-me que seus pais eram separados e que não eram afetivos. Não gostavam de abraçar e beijar e que ela também era assim. Confessou que sentia medo das pessoas. Sua madrinha lhe disse que sua mãe tentou suicídio no sétimo mês de gravidez. Quando Z nasceu foi cuidada pela avó, pois a mãe teve depressão pós-parto. Tal informação demonstra que Z teve sua vida ameaçada já no útero materno, logo o terror que sente quando tem alucinações é explicado pelo terror sentido desde o útero. A paciente relatou que havia parado no hospital duas vezes em coma alcoólico, aos 12 e 14 anos, que praticamente vivia na casa do namorado e que já experimentara maconha, *ecstasy* e cocaína. Porém, atualmente seu maior sofrimento era o rompimento do namoro.

Na quarta sessão, Z teve uma alucinação visual. Estava abalada porque não conseguia reatar o namoro, havia raspado os braços com gilete e tomado vários comprimidos no fim de semana, pois desejava se matar. Podia-se perceber que chorou muito. De repente, arregalou os olhos em uma expressão de pânico, enrijeceu todo o

CENTRO REICHIANO

Av. Prof. Omar Sabbag, 628 – Jd. Botânico – Curitiba/PR – Brasil - CEP: 80210-000
(41) 3263-4895 - www.centroreichiano.com.br - centroreichiano@centroreichiano.com.br



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

BENGTSSON, Lusiana; VOLPI, Sandra Mara. O terror como defesa em um corpo congelado de medo: perspectiva da bioenergética. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS, XX, 2015. **Anais**. Curitiba: Centro Reichiano, 2015. [ISBN – 978-85-69218-00-5]. Disponível em: <www.centroreichiano.com.br/artigos_anais_congressos.htm>. Acesso em: ____/____/____.

corpo, contraindo-o e começou a chorar desesperadamente dizendo que havia um cérebro preto atrás de mim, do lado esquerdo e que queria pegá-la. Encolheu-se na poltrona. Rapidamente, levantei e fui para trás do sofá, pois ela estava sentada de costas para a janela. Pensei: “E se essa menina se joga?!”. Como percebi que ela se encolheu, ou seja, não teve reação agressiva, cheguei perto dela e lhe disse: “Z, você não está sozinha. Eu estou aqui com você”. Ela chorou de forma ainda mais intensa, era possível sentir o terror em que ela se encontrava. Eu repetia que ela não estava sozinha enfrentando aquele medo, que eu estava com ela. Ela me olhou e segurou minha mão direita. Fui para sua frente, puxei a cadeira e fiquei segurando suas mãos e pedi que ela respirasse junto comigo. Foi se acalmando. Isso durou cerca de oito minutos.

Fiquei bem preocupada em deixá-la ir embora sozinha, quis ligar para os pais para que viessem buscá-la. Depois questionei o meu preparo para atender essa jovem. Pensei se ela não necessitaria de um retorno ao CAPS, uma vez que lá o trabalho é feito por meio de encontros diários com duração de duas horas com uma equipe multidisciplinar, enquanto que comigo, além de ser sua única terapeuta, o trabalho era feito uma vez por semana durante uma hora.

Na quinta sessão, conversamos sobre o ocorrido. Z me disse que o cérebro não conseguiu entrar no campo. Perguntei a que campo se referia e ela me disse que se formou um campo entre nós (estávamos sentadas em cadeiras diferentes ao lado de uma mesa) e de uma almofada que ficara no chão, o que formou um círculo, porém não exatamente bem delineado e fechado. Bem, entendi tal ideia de Z como uma transferência positiva e que era sinal que estava confiando em mim. Aproveitei e perguntei se eu poderia marcar uma conversa com seus pais. Z consentiu, mas pediu que eu falasse primeiro com o pai, pois achava que a mãe não dava conta de saber da sua situação.

O problema de Z é que a sua defesa esquizoide entrou em colapso, assim ela rompeu com a realidade e refugiou-se na esquizofrenia. Segundo Lowen (1979, p. 61), a “[...] esquizofrenia é um recuo ou regressão a níveis infantis ou arcaicos de funcionamento como meio de sobrevivência”. Ainda segundo Lowen (1979) tal colapso ocorre muitas

CENTRO REICHIANO

Av. Prof. Omar Sabbag, 628 – Jd. Botânico – Curitiba/PR – Brasil - CEP: 80210-000
(41) 3263-4895 - www.centroreichiano.com.br - centroreichiano@centroreichiano.com.br



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

BENGTSSON, Lusiana; VOLPI, Sandra Mara. O terror como defesa em um corpo congelado de medo: perspectiva da bioenergética. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS, XX, 2015. **Anais**. Curitiba: Centro Reichiano, 2015. [ISBN – 978-85-69218-00-5]. Disponível em: <www.centroreichiano.com.br/artigos_anais_congressos.htm>. Acesso em: ____/____/____.

vezes pelo uso de substâncias tóxicas, perda de emprego, rompimento amoroso, casamento, nascimento de um filho, rompimento da falsa imagem e situação familiar.

A perda do senso de identidade tem suas raízes na situação familiar. Quando uma criança é forçada a se enquadrar na imagem inconsciente de um de seus pais perde seu senso de “eu”, seu sentido de identidade, bem como o seu próprio contato com a realidade. (LOWEN, 1979, p. 18).

Em entrevista com o pai de Z investiguei o que sabia sobre a filha e ele estava a par de tudo, porém não demonstrou em nenhum momento aborrecimento com o fato de sua filha já ter usado drogas, ter entrado em coma alcoólico, raspar os pulsos e dizer que vê espíritos. Ele simplesmente aceitava tudo de forma racional e, por estar separado da mãe de Z, achava que não podia chamar a atenção da filha. Ele contou-me que um funcionário da equipe do CAPS disse a ele que Z não deveria frequentar tal lugar, pois ela não era complicada como os outros integrantes do grupo e por isso Z chegou até o local de meu estágio. Perguntei o que ele achava de a filha ter alucinações e ele me disse que achava que Z representava, fazia teatro para chamar atenção da mãe. Alegou que o fato dela fumar maconha também poderia fazê-la alucinar. No entanto, afirmou que sabia que Z havia fumado apenas uma vez. Investiguei sobre o que Z havia me dito em sessão, que o avô paterno tinha diagnóstico de esquizofrenia. Ao perguntar ao pai de Z tal história ele confirmou que era verdade. Como Z reclamou o quanto o pai é isolado e se distancia de todos, perguntei como ele agia e ele realmente me disse que gosta de ficar sozinho, acordar e dormir cedo. Disse que fica nervoso com facilidade, logo evita pessoas, barulho e tumulto. Prefere que a filha more com a mãe alegando também que não tem condição financeira e espaço físico adequado para uma jovem morar.

Ao observar o pai de Z percebi que também tinha forte indício de caráter esquizoide, não só pela aparência física – alto, magro, olhos vagos, pouco tônus muscular, mas pela forma de agir: falta de contato com pessoas, escapismo em ideias místicas e pouca aptidão para cuidar do outro, uma vez que também parecia carecer de cuidado psicológico.

No outro dia, entrevistei a mãe que relatou a angústia constante de não conseguir colocar limites na filha, que esta não lhe dava satisfações e sumia de casa. Perguntei

CENTRO REICHIANO

Av. Prof. Omar Sabbag, 628 – Jd. Botânico – Curitiba/PR – Brasil - CEP: 80210-000
(41) 3263-4895 - www.centroreichiano.com.br - centroreichiano@centroreichiano.com.br



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

BENGTSSON, Lusiana; VOLPI, Sandra Mara. O terror como defesa em um corpo congelado de medo: perspectiva da bioenergética. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS, XX, 2015. **Anais**. Curitiba: Centro Reichiano, 2015. [ISBN – 978-85-69218-00-5]. Disponível em: <www.centroreichiano.com.br/artigos_anais_congressos.htm>. Acesso em: ____/____/____.

como foi a gestação e a amamentação. Ela disse que fez tudo sozinha da melhor maneira possível e começou a chorar e contou a sua história de vida. A mãe da paciente nasceu raquítica, com problemas de pele e sua mãe biológica a colocou em um saco plástico e a jogou em um lixo. Nesse momento um senhor ia passando e salvou-a da morte levando-a para sua casa. Quando tinha dez anos este homem passou a molestá-la sexualmente. A mãe adotiva era alcoolista e nada via. Aos 18 anos conheceu o pai de Z e contou tudo para ele, assim ele convidou-a para morarem juntos. Ela engravidou e ele não queria ser pai. Não foi presente durante a gravidez, nem depois quando Z era recém-nascida. Somente mais tarde começou a cuidar da criança. Pensei: “Como será que essa mulher pode dar amor maternal se não o conheceu? ”. Não tenho dados de como essa mãe foi gerada, mas assim que nasceu foi jogada no lixo para morrer, ou seja, sofreu um trauma em seu desenvolvimento físico e psíquico na etapa de sustentação (VOLPI; VOLPI, 2008). Depois, sofreu abuso sexual do homem que a adotou e a mãe adotiva nunca lhe protegeu. Penso que desempenhar a função materna para essa mulher seja algo que lhe cause no mínimo estranheza, já que não conheceu o carinho materno. Ao se ver adulta, quis formar uma família, engravidou do pai de Z; porém esse não queria filho naquele momento. Mais uma vez a mãe de Z ficou sem apoio, reviveu a solidão e o abandono traumático de sua infância. Ela me disse que queria muito formar uma família, mas não teve apoio durante a gravidez e chorava muito. Como bem colocam Volpi e Volpi (2008, p. 132-133), para que uma mulher viva uma gravidez tranquila necessita de cuidados e proteção, logo

[...] entra o papel do pai, cuja presença durante a gestação também é fundamental, dado que o feto que ele demonstra, por intermédio da mãe, chega até o bebê em formação. Da mesma forma que a mãe no período de gestação acolhe em seu útero o bebê, é emocionalmente também um ‘útero’, que aconchega e protege o bebê, e o pai deve ser o ‘útero afetivo’ que irá aconchegar e proteger a mãe.

A mãe da paciente não teve essa parceria com o pai de Z. Quando conversei com ele, admitiu que agiu de forma isolada e só um tempo depois que Z era um pouco maior, com oito meses até uns três anos ele cuidou da filha. Porém, o relacionamento com a

CENTRO REICHIANO

Av. Prof. Omar Sabbag, 628 – Jd. Botânico – Curitiba/PR – Brasil - CEP: 80210-000
(41) 3263-4895 - www.centroreichiano.com.br - centroreichiano@centroreichiano.com.br



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

BENGTSSON, Lusiana; VOLPI, Sandra Mara. O terror como defesa em um corpo congelado de medo: perspectiva da bioenergética. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS, XX, 2015. **Anais**. Curitiba: Centro Reichiano, 2015. [ISBN – 978-85-69218-00-5]. Disponível em: <www.centroreichiano.com.br/artigos_anais_congressos.htm>. Acesso em: ____/____/____.

esposa foi distanciando-se cada vez mais. Separaram-se quando ele descobriu que fora traído.

A mãe de Z acha que ela mente, que encena as alucinações, pois faz teatro. Pensei: “Para essa mãe é mais fácil negar a realidade do que admitir o problema da filha”. Além de teatro, que Z não aprecia mais, pois se mistura com as personagens, a paciente faz dança e desenha muito bem.

Questionava-me se Z não devia voltar a ser medicada, pois vinha tendo alucinações auditivas e visuais desde criança. Além disso, estava perigoso, porque já havia surtado no colégio e em sessão. Minha preocupação é de que pudesse se machucar e perder a vida, pois ao ouvir vozes ficava tão transtornada e corria em pleno trânsito de carros, podia ser atropelada e causar acidentes, lesando a si e a terceiros. Z contou que via uma capa preta que voava atrás dela. A primeira vez foi na casa de sua tia, esposa do irmão materno, quando tinha quatro anos. Z disse que essa tia batia nela, trancava-a no quarto e não a deixava sair, segurava forte nos braços, a ponto de deixá-los marcados e que a molestou quando lhe dava banho, enfiando sabonete e outros objetos em seu órgão sexual. Essa tia cuidava dela enquanto os pais trabalhavam. Com medo, Z contou à sua madrinha e essa passou a cuidar dela.

A paciente relatou também que via uma menina desde a sua infância e que quando se sentia triste, esta “amiga imaginária” aparecia e sugeria a Z que ela se suicidasse. Inclusive a tal menina contou a Z que morreu enforcada em uma árvore e que Z deveria matar-se dessa forma, pois assim ficariam juntas e Z não sentiria mais solidão. Z conversou com seu pai que é kardecista e ele deu algumas explicações, dizendo que ela não deveria dar ouvidos, que não deveria ter medo, e assim o “espírito”, na visão paterna, sumiria. Z deixou-me ler duas páginas do seu diário, onde descrevia de forma poética a dor que sentia. Mostrou-me o desenho da menina que via e me disse: “É assustadora”. Perguntei se essas alucinações continuavam aparecendo e ela me respondeu que desde que começou terapia comigo a menina e a capa preta sumiram. Novamente interpretei isso como sinal positivo de transferência.

CENTRO REICHIANO

Av. Prof. Omar Sabbag, 628 – Jd. Botânico – Curitiba/PR – Brasil - CEP: 80210-000
(41) 3263-4895 - www.centroreichiano.com.br - centroreichiano@centroreichiano.com.br



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

BENGTSSON, Lusiana; VOLPI, Sandra Mara. O terror como defesa em um corpo congelado de medo: perspectiva da bioenergética. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS, XX, 2015. **Anais**. Curitiba: Centro Reichiano, 2015. [ISBN – 978-85-69218-00-5]. Disponível em: <www.centroreichiano.com.br/artigos_anais_congressos.htm>. Acesso em: ____/____/____.

A tarefa terapêutica com o paciente esquizofrênico não é fácil. Tanto que Lowen (1977) resume tal desafio:

Na terapia da esquizofrenia, o mais importante fator terapêutico é o calor e afeição sinceros por parte do terapeuta. [...] O esquizofrênico é um bebê de útero. Necessita de sua vida, do mesmo modo que um embrião precisa de sua mãe, embora não consiga fazer qualquer exigência quanto a isso. Se o terapeuta está com medo ou sem vitalidade disponível, não pode auxiliar uma estrutura esquizofrênica ou uma esquizoide. (LOWEN, 1977, p. 311).

Navarro (1995, p. 48) comenta: “A terapia do psicótico é uma maternagem [...]”, sendo essa a tarefa do analista reichiano com tal paciente. Nesse sentido, Navarro se assemelha a Lowen (1977), ou seja, para ambos, vale a ideia de que o projeto terapêutico do psicólogo corporal com o psicótico é ser um útero quente para o paciente. O terapeuta deve ser acolhedor, disponível, que aceita e dá carinho para esse indivíduo que carece de contato.

Segundo Volpi e Volpi (2003) o caráter esquizoide tem uma crença inconsciente de que não foi desejado no mundo e que só pode existir se não tiver necessidades. Tal crença remete-se ao fato de que a criança sentiu muito precocemente que é odiada. Z sentiu a rejeição dos pais desde muito cedo, tanto que sua defesa esquizoide rompeu e desde os oito anos de idade tem alucinações. Diante da psicose é necessário deixar preconceitos de lado e não rotular que todo paciente age da mesma forma. Como bem colocam as psicólogas corporais Lima e Marques (2014):

A criança ferida do psicótico precisa ser encontrada e ressignificada por não ter sido olhada, segurada com carinho e afeto, portanto, precisa ser ofertada uma nova possibilidade de vínculo que ofereça *grounding* na experiência do olhar e do afeto. (LIMA; MARQUES, 2004, p. 7).

O termo “*grounding*” refere-se a um exercício da Bioenergética, proposto por Lowen e Lowen (1985), em que o paciente deve obter a sensação de contato entre os pés e o chão. Em um sentido mais profundo, “[...] o *grounding* representa o contato de um indivíduo com as realidades básicas de sua existência. A pessoa está firmemente plantada na terra, identificada com seu corpo, ciente de sua sexualidade e orientado para o prazer”. (LOWEN; LOWEN, 1985, p. 23).

CENTRO REICHIANO

Av. Prof. Omar Sabbag, 628 – Jd. Botânico – Curitiba/PR – Brasil - CEP: 80210-000
(41) 3263-4895 - www.centroreichiano.com.br - centroreichiano@centroreichiano.com.br



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

BENGTSOON, Lusiana; VOLPI, Sandra Mara. O terror como defesa em um corpo congelado de medo: perspectiva da bioenergética. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS, XX, 2015. **Anais**. Curitiba: Centro Reichiano, 2015. [ISBN – 978-85-69218-00-5]. Disponível em: <www.centroreichiano.com.br/artigos_anais_congressos.htm>. Acesso em: ____/____/____.

Weigand (2005) aponta a existência de vários tipos de *grounding*, porém com a paciente Z não insisti tanto no *grounding* físico e sim no que Lima e Marques (2014, p. 65) chamam “O amor como *grounding* em saúde mental”, pois Z parecia que não se sustentaria, o corpo enrijecia para se defender e os olhos arregalavam-se de terror; logo suspendi o exercício físico e pedi para nos sentarmos e que ela me contasse o que quisesse. De forma afetiva e acolhedora, sentei-me perto dela, mas busquei não invadi-la ou assustá-la e só me aproximava conforme eu notava que ela permitia; busquei compreendê-la sem julgá-la com ideias pré-concebidas e preconceituosas de forma realmente sincera, pois só assim ela confiaria em mim e abriria sua vida contando sobre as alucinações, além das suas peripécias amorosas e uso de drogas variadas. Precisei estar atenta, ser sensível e sutil para oferecer a Z um olhar amoroso na tentativa de restaurar um mínimo de segurança e minimizar o terror sentido por ela.

A família de Z procurou um novo psiquiatra. Z não tem mais alucinações e inclusive admitiu em sessão que o medo que sente é da violência e agressividade de sua mãe.

A paciente conseguiu passar de ano na escola em que estuda e está trabalhando. Além disso, a relação com a mãe melhorou muito, a ponto de ambas trocarem afeto por meio de abraço e colo, algo que não ocorria antes.

Como bem coloca Tonella (2006, p. 739), dentro do trabalho do vínculo terapêutico com o paciente psicótico ocorre a transferência arcaica que “[...] sacode o terapeuta, pois exige dele sua implicação afetiva e frequentemente física para conter e dar forma ao pulsional arcaico em busca de relação ao objeto/terapeuta.”

Na Psicologia Corporal, o terapeuta, ciente das questões transferenciais e contratransferenciais, pode utilizá-las em benefício do paciente. Nesse sentido, mais uma vez Tonella (2006, p. 739) resume que

[...] são então as posições contratransferenciais do terapeuta – como ele acolhe, reage emocionalmente e psiquicamente às experiências arcaicas de seu paciente – que abrem a possibilidade do paciente viver e abandonar-se nessas experiências para fazer delas algo criativo e construtivo do si-mesmo em relação.

A prática da Bioenergética com a paciente Z foi eficaz, pois pude aplicar o que estudei em teoria na prática e confirmei o que os terapeutas corporais apontaram sobre a

CENTRO REICHIANO

Av. Prof. Omar Sabbag, 628 – Jd. Botânico – Curitiba/PR – Brasil - CEP: 80210-000
(41) 3263-4895 - www.centroreichiano.com.br - centroreichiano@centroreichiano.com.br



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

BENGTSSON, Lusiana; VOLPI, Sandra Mara. O terror como defesa em um corpo congelado de medo: perspectiva da bioenergética. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS, XX, 2015. **Anais**. Curitiba: Centro Reichiano, 2015. [ISBN – 978-85-69218-00-5]. Disponível em: <www.centroreichiano.com.br/artigos_anais_congressos.htm>. Acesso em: ____/____/____.

tarifa terapêutica com o psicótico, que é a de ser um útero acolhedor ao paciente, possibilitando-lhe um olhar e toque amoroso, algo que desconhece porque não o teve.

O trabalho com Z continua, e como meta terapêutica devo fortalecer os limites e o funcionamento do frágil ou quase inexistente ego de Z. Minha esperança é de que ela afirme o seu direito de ser no mundo.

REFERÊNCIAS

LIMA, A. A; MARQUES, E. R. O amor como *grounding* em Saúde Mental. **Revista Latino-Americana de Psicologia Corporal da Federação Latino-americana de Análise Bioenergética (FLAAB)**, Recife, v. 1, n. 1, p. 65-73, abril/2004. Disponível em: <<http://psicorporal.emnuvens.com.br/rbpc>>. Acesso em: 15/08/2014.

LOWEN, A; LOWEN, L. **Exercícios de Bioenergética**: o caminho para uma saúde vibrante. 8ª ed. São Paulo: Ágora, 1985.

LOWEN, A. **O corpo em terapia**: a abordagem bioenergética. 6ª ed. São Paulo: Summus, 1977.

LOWEN, A. **O Corpo Traído**. 5ª ed. São Paulo: Summus, 1979.

LOWEN, A. O espectro das emoções. Uma hierarquia de funções. In: LOWEN, A. **O ritmo da vida**: uma discussão da relação entre prazer e as atividades rítmicas do corpo, 1966, Nova Iorque.

NAVARRO, F. **Characterologia pós-reichiana**. São Paulo: Summus, 1995.

TONELLA, G. Terapia psicocorporal e psicose In: MARLOCK, G.; WEISS, H. **Körperpsychotherapie und psychose**. Handbuch der körperpsychotherapie. Stuttgart, New York, Schattauer: 2006, p. 734-740. Disponível em: <http://www.cfab.info/attachments/139_Tonella_Terapia_e_Psicose_2006__PT.pdf> Acesso em: 15/01/2015.

VOLPI, J. H.; VOLPI, S. M. **Crescer é uma aventura!** Desenvolvimento emocional segundo a Psicologia Corporal. Curitiba: Centro Reichiano, 2008.

VOLPI, J. H.; VOLPI, S. M. **Reich**: a Análise Bioenergética. Curitiba: Centro Reichiano, 2003.

WEIGAND, O. **Grounding na Análise Bioenergética**: uma proposta de atualização. 2005. 145p. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica) – Pontifícia Universidade

CENTRO REICHIANO

Av. Prof. Omar Sabbag, 628 – Jd. Botânico – Curitiba/PR – Brasil - CEP: 80210-000
(41) 3263-4895 - www.centroreichiano.com.br - centroreichiano@centroreichiano.com.br



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

BENGTSSON, Lusiana; VOLPI, Sandra Mara. O terror como defesa em um corpo congelado de medo: perspectiva da bioenergética. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS, XX, 2015. **Anais**. Curitiba: Centro Reichiano, 2015. [ISBN – 978-85-69218-00-5]. Disponível em: <www.centroreichiano.com.br/artigos_anais_congressos.htm>. Acesso em: ____/____/____.

Católica de São Paulo. Disponível em: <http://www.sapientia.pucsp.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=957>. Acesso em: 15/08/2014.

AUTORA

Lusiana Bengtsson/PR – CRP - 08/20953 – Psicóloga, Especialista em Psicologia Corporal pelo Centro Reichiano (2015) – Curitiba/PR, Mestre em Estudos Literários pela UFPR (2004), Graduada em Letras Licenciatura Dupla Português-Espanhol (2001) e Bacharel em Letras na Área de Literatura de Língua Portuguesa (2002). Atualmente trabalha como psicóloga e atende em consultório próprio.

E-mail: lusib@terra.com.br

ORIENTADORA

Sandra Mara Volpi/PR - CRP - 08/5348 - Psicóloga, Especialista em Psicologia Clínica, Psicopedagogia, Psicoterapia Infantil, Psicologia Corporal e Análise Bioenergética (CBT). Mestranda em Tecnologia (Universidade Tecnológica Federal do Paraná). Diretora do Centro Reichiano-Curitiba/PR.

E-mail: sandra@centroreichiano.com.br

CENTRO REICHIANO

Av. Prof. Omar Sabbag, 628 – Jd. Botânico – Curitiba/PR – Brasil - CEP: 80210-000
(41) 3263-4895 - www.centroreichiano.com.br - centroreichiano@centroreichiano.com.br